



EIXO TEMÁTICO:

- Ambiente e Sustentabilidade Crítica, Documentação e Reflexão Espaço Público e Cidadania
 Habitação e Direito à Cidade Infraestrutura e Mobilidade Novos processos e novas tecnologias
 Patrimônio, Cultura e Identidade

Inventário da Arquitetura Eclética nos Bairros-Jardins Paulistanos em meados do século XX

*Inventory of the eclectic architecture in Garden-city's quarters of São Paulo in the
beginning of XXth Century*

*Inventario de la arquitectura ecléctica en las ciudad-jardines de São Paulo en el
comienzo del siglo XX*

LOPES, Maria Ester de Araujo (1);

TIRELLO, Regina Andrade (2)

(1) Mestranda, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura,
Tecnologia e Cidade, FEC-UNICAMP, Campinas, SP, Brasil; email: mealopes@terra.com.br

(2) Professora Doutora, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Departamento de Arquitetura e Construção,
FEC-UNICAMP, Campinas, SP, Brasil; email: rtirello@gmail.com

Inventário da Arquitetura Eclética nos Bairros-Jardins Paulistanos em meados do século XX

*Inventory of the eclectic architecture in Garden-city's quarters of São Paulo in the
beginning of XXth Century*

*Inventario de La arquitectura ecléctica en las ciudad-jardines de São Paulo en el
comienzo del siglo XX*

RESUMO

Os bairros-jardins paulistanos que testemunham os princípios do urbanismo moderno correspondem à integração entre ambiente urbano preservado e edificações decorrentes de projetos de arquitetos reconhecidos no panorama da arquitetura brasileira. Embora o traçado e o paisagismo tenham sido objeto de atenção protecionista nos anos 1980, as edificações permaneceram à margem dos inventários arquitetônicos daquela década em função do desprestígio da arquitetura eclética até então vigente. Com a ausência de legislação, muitos exemplares de arquitetura residencial do período se perderam. O fato é que atualmente os muitos exemplares erigidos entre a década de 1920 a 1950 permanecem sem um inventário que nos possibilite sequer análise das suas qualificações formais. Estas incessantes mudanças que modificam as características do bairro provocam uma grande perda da herança cultural de São Paulo. Esta comunicação aponta resultados parciais da pesquisa centrada em um perímetro tombado e se propõe a contribuir com o reconhecimento da produção arquitetônica relevante nos bairros-jardins com ênfase na análise de documentação arquivística primária discutindo os instrumentos de legislação incidentes na proteção dos bairros de interesse histórico e cultural paulistanos.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura eclética, cidade-jardim, inventário, políticas públicas de preservação

ABSTRACT

The garden cities that witness modern city planning rudiments correspond to an integration between preserved urban ambient and buildings projected by well-known Brazilian architects. Even though their landscape gardening was put under government focus in the middle of the decade of 1980, these buildings remained on the sidelines of specific lands' inventory in cause to eclectic architecture in force's discredit. The lake of legislation caused a continuous degradation of samples of residential architecture. Nowadays, most of these samples, built between the 20's and the 50's, remain with no inventory that may provide their formal qualifications. It is a fact that a huge cultural loss derive from continuous modifications in their primary features. This communication exhibit partial results of a research focus on a listed perimeter and it aims to contribute to recognition of relevant architecture production in garden cities, emphasizing on the analysis of primary archiving documentation and discussion of legislation in effect when coming to the protection of neighborhoods in historical and cultural interests of São Paulo.

KEY-WORDS: eclectic architecture, garden cities, inventory, public policies of preservation

RESUMEN

Las ciudad-jardines que testimonian los principios del urbanismo moderno corresponden a la integración entre el ambiente urbano preservado y las edificaciones decurrentes de proyectos de arquitectos reconocidos en el panorama de la arquitectura brasileña. Aunque el trazo y el paisajismo tengan sido objeto de atención proteccionista en los años 1980, las edificaciones permanecieron a margen de los inventarios arquitectónicos de la época en función del desprestigio de la arquitectura ecléctica vigente. Con la ausencia de legislación, muchos ejemplares de arquitectura residencial del periodo si perdieron. El fato es que, actualmente, los muchos ejemplares construidos entre las décadas de 1920 y 1950 permanecieron sin un inventario que posibilite cualquier análisis de sus cualificaciones. Las incesantes modificaciones en las características del barrio provocan un gran perjuicio a la herencia cultural de São



Paulo. Esta comunicação aponta los resultados de pesquisa centrada en un perímetro catalogado y si propone a contribuir con lo reconocimiento de la producción arquitectónica relevante en las ciudad-jardines, con énfasis en la análisis de documentación catalogada y discusión de legislación incidentes en la protección de barrios de interese histórico y cultural de São Paulo.

PALABRAS-CLAVE: *arquitectura eclética, ciudad-jardín, inventario, políticas públicas de preservación*

1 INTRODUÇÃO

O desejo de inovação da década de 1910 na cidade de São Paulo favoreceu a introdução do conceito de bairros-jardins, um modelo de loteamento¹ introduzido pela *City of São Paulo Improvements and Freehold Company Limited*, empresa inglesa, sediada em Londres e proprietária de áreas significativas do território paulistano. Esta empresa foi responsável pelo loteamento de bairros residenciais nos quais, privilegiando a introdução de áreas verdes e parcelamento do solo em lotes de grandes dimensões, possibilitava a aquisição dos novos lotes através de sistema de financiamento próprio.

O reconhecimento do valor cultural dos loteamentos paulistanos embasados no conceito introduzido pela companhia inglesa se deu na década de 1980, quando o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico/CONDEPHAAT efetivou o tombamento de loteamentos de áreas centrais da cidade. Neste tombamento priorizou-se o loteamento mais antigo conhecido como “Jardim América” associado a outros três loteamentos vizinhos compostos pelos “Jardim Europa”, “Jardim Paulista” e “Jardim Paulistano”, que integram a área reconhecida no âmbito municipal como Jardins. Representam áreas deslocadas do centro urbano tradicional e que correspondem ao atual centro expandido da cidade de São Paulo.

Em acordo com as discussões preservacionistas daqueles anos, tal instrumento de preservação privilegiou a paisagem, o desenho urbano do loteamento, os arruamentos, elementos considerados que nos garantiram a permanência dos conjuntos e das escalas. Contudo, em consonância com o desprestígio oficial da “arquitetura eclética” (estilo genericamente atribuído às construções dos bairros-jardins) à época, deixou de fora do tombamento edificações erigidas entre 1910 e 1950 presentes nos lotes.

A não inclusão do patrimônio arquitetural no ato de salvaguarda urbana significou negligência também com a avaliação de projetos de diversos arquitetos que vieram a ter renome na arquitetura paulista, e cujas obras não foram inventariadas e/ou estudadas nas suas especificidades formais e técnicas, não obstante sua potencial importância para a compreensão da própria arquitetura moderna do Estado. A identificação em arquivos públicos de projetos significativos para viabilizar reflexões acerca do desenvolvimento de determinadas linguagens projetuais é um dos desdobramentos que nossa pesquisa de mestrado em desenvolvimento considera entre seus principais objetivos de estudo.

Confrontando a ideia pré-concebida de que a arquitetura dos bairros-jardins representa-se exclusivamente por edificações de orientação historicista sem interesse, questionamentos

1 O conceito de “bairro-jardim” foi reproduzido em larga escala por outras companhias loteadoras tanto no município de São Paulo como em outras regiões do Estado de São Paulo, adotados em loteamentos como o “Jardim da Saúde”, de autoria do urbanista Jorge Macedo Vieira e loteado pela Companhia de Terrenos da Saúde, o bairro do Sumaré implantado pela Sociedade Paulista de Terrenos e Construções Sumaré Ltda ou ainda o Bairro de Interlagos, entre outros.

acerca da variabilidade das tipologias e linguagens das edificações neles presentes são detectáveis em estudos de outros pesquisadores. Menciona-se aqui texto do arquiteto Luís Saia, publicado em 1959 no Diário de São Paulo e disponibilizado em obra recente² na qual relaciona claramente a produção inicial de arquitetos consagrados pela arquitetura moderna nos bairros-jardim, nomes mencionados também no importante estudo realizado pela arquiteta Sílvia Ferreira Santos Wolff³ sobre o “Jardim América”:

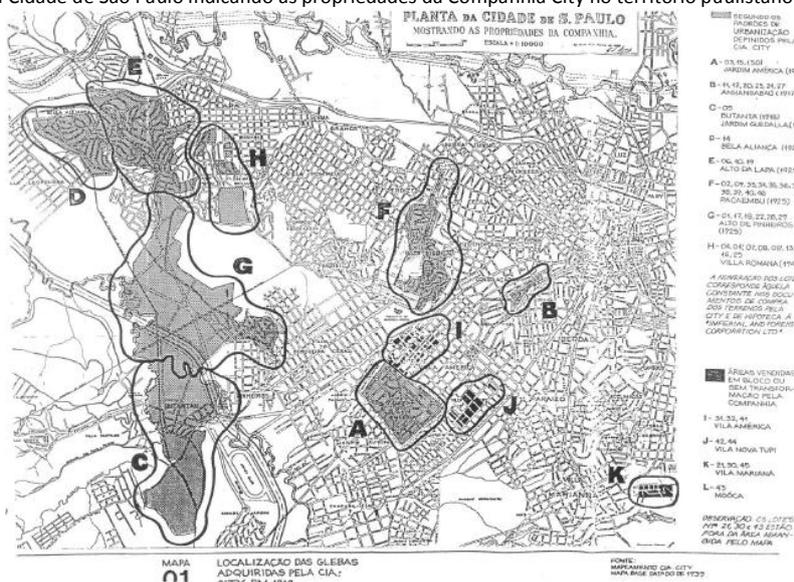
(...) os arquitetos Alfredo Ernesto Becker, Oswaldo Bratke, Dácio de Moraes, Rino Levi, Eduardo Kneese de Mello e Warchavchik projetaram grande número de residências nos bairros que a City havia aberto para a burguesia paulista. (XAVIER, 2003, p. 110)

2 O PROJETO DOS BAIRROS-JARDINS

A Companhia City tornou-se proprietária de extensa área urbana, em torno de 1.091.118 metros quadrados [BACELLI: 1982] para implantar o loteamento que viria a ser denominado “Jardim América”, área delimitada pelas ruas Estados Unidos (ambos os lados), Groenlândia, Atlântica e Avenida Nove de Julho, na cidade de São Paulo.

Segundo mapeamento disponibilizado pela própria Companhia City, destacado na Figura 1, a empresa foi proprietária de grande parcela da área urbana da cidade de São Paulo até os anos 1940 [ARQUIVO COMPANHIA CITY: 1939], sendo que grande parte das áreas estavam bem deslocadas do eixo central urbanizado, identificadas na Figura 1 e assinaladas como áreas C, D, E, G, H, I, J e K.

Figura 1 Mapa da Cidade de São Paulo indicando as propriedades da Companhia City no território paulistano na década de 1930



² XAVIER, Alberto (org.) Depoimento de uma geração: arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. pag. 110

³ WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. Jardim América: O primeiro Bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

Além do Jardim América, a Companhia City foi responsável pela implantação de outra dezena de loteamentos, também afastados da área urbana central da cidade de São Paulo entre os quais identificamos dezessete áreas, listadas na Tabela 1, projetadas até a década de 1950, período de grande mobilização imobiliária para inserção e comercialização dos novos loteamentos fundamentados nos moldes ingleses e reconhecidos como bairros-jardins.

Tabela 1: Listagem parcial de loteamentos implantados pela Companhia City até 1951 na cidade e São Paulo

Nº	Nome do bairro	Área (m ²)	Ano
1	Jardim América	1.091.118	1915
2	Anhangabaú	170.849	061917
3	Butantan	2.341.379	101918
4	Alto da Lapa e Bela Aliança	2.126.643	1921
5	Pacaembu	998.130	1925
6	Alto de Pinheiros	3.669.410	1925
7	Vila América	186.200	1931
8	Vila Nova Tupi	180.000	1931
9	Vila Mariana	210.000	1931
10	Vila Leopoldina	10.000	1931
11	Móoca	633.667	1931
12	Pacaembuzinho	400.000	1941
13	Vila Romana	1.001.550	1948
14	Jardim Guedala	835.118	1949
15	Boaçava	657.495	1950
16	Caxingui	286.000	1951
17	Vila Inah	417.000	1951

Fonte: [ARQUIVO DA COMPANHIA CITY, sem data].

Os loteamentos residenciais correspondentes aos bairros-jardins, antes mesmo do reconhecimento como patrimônio ambiental pelos órgãos públicos, já estavam sujeitos às restrições estabelecidas pela legislação municipal de Uso e Ocupação do Solo, vigente desde 1975 na cidade de São Paulo, assim como às restrições contratuais impostas pelas próprias companhias loteadoras que estabeleciam parâmetros de ocupação diferenciados.

Dentre os muitos loteamentos implantados pela companhia inglesa, o “Jardim América” foi o primeiro bairro da cidade de São Paulo a ser formulado baseado no conceito de ocupação urbana introduzido pela Companhia City, no qual se identificam os preceitos adotados nas cidades-jardins inglesas. Estão associados ao projeto de Sir Ebenezer Howard para a cidade de Letchworth, assim como às experiências processadas na cidade de Welwyn e no subúrbio-jardim de Hampstead.

O projeto cidades-jardins inglês previa uma proposta de criação de cidades autônomas do ponto de vista econômico, ou seja, autossustentáveis. Já para a implantação do “Jardim América”, na cidade de São Paulo, o projeto se adequou às características locais tanto no plano morfológico como no administrativo, ou seja, implicou em modificações em seu desenho para se conformar a uma área relativamente plana nas proximidades do Rio Pinheiros. Num segundo plano, não existia a possibilidade de autonomia econômica que os orientava originalmente por se tratar de um novo bairro do município de São Paulo que devia estar vinculado à sua estrutura administrativa, com um desenho urbano diferenciado do usualmente praticado à época.

Afastado cerca de quatro quilômetros do centro da cidade, no plano espacial o projeto para o loteamento do “Jardim América” orientou-se a partir de divisão central em “X”, constante na Figura 2, que organiza o parcelamento da área a partir da integração de zonas de áreas verdes com lotes de grandes dimensões adotando soluções orgânicas de implantação em contraposição ao traçado reticulado costumeiramente adotado. Tal traçado era também contemplado com eixos viários diferentes de 90º, curvas e novas figuras geométricas que lhe conferiam quadras com cantos arredondados nos quais, em alguns casos, também se introduziram áreas ajardinadas.

Figura 2: Este documento corresponde ao mapa de loteamento do Jardim América apresentado ao Departamento de Parcelamento do Solo/PARSOLO, da Secretaria Municipal de Habitação e trata-se do projeto elaborado pela Company City of São Paulo Improvements & Freehold Land Company Ltd. – datado de 1923



FONTE: [REALE, 1982]

Os anúncios publicitários à época tentavam ressaltar a ideia de que morar nos novos bairros seria um privilégio tendo como garantia o acesso aos novos serviços públicos à disposição (bonde, iluminação pública, fácil acesso ao Centro, entre outras facilidades), disponibilizados em função da demanda imposta pela Companhia City ao governo municipal.

Assim como para o “Jardim América”, veiculavam propagandas para os bairros vizinhos, tal qual o anúncio da Figura 3 que indica citação do jornal “*Estadão*”, datado de 11 de novembro de 1928, identificando o Jardim Europa como sendo:

(...) “Bairro de Elite, de propriedade de Manoel Garcia da Silva” ressaltando a comparação com o centro da cidade: “Jardim Europa...na mesma altitude da Praça Patriarcha” assim como fazendo especial referência ao tempo de locomoção “...APROVEITE A TARDE DE HOJE...além de fazer um passeio agradável terá ode apreciar o grande desenvolvimento desse belíssimo e agradável bairro. A iluminação pública está sendo ampliada e brevemente será feita a inauguração.⁴

⁴ Anúncio publicitário acerca do Jardim Europa disponível In: <http://www.marketingimob.com/2012/01/top-10-anuncios-imobiliarios.html>, <data de acesso em 04/agosto/2013>, e se refere a publicação de “reclame” no jornal Estadão (Jornal do Estado de São Paulo) cujo texto foi registrado acima na íntegra, como veiculado no anúncio publicitário

Figura 3: Anúncio publicitário de venda de lotes no Jardim Europa, São Paulo



Estadão - 11 de novembro de 1928

Reclame do Estadão

Fonte: <http://www.marketingimob.com/2012/01/top-10-anuncios-imobiliarios.html>

3 AS MODIFICAÇÕES DO TRAÇADO

Entre as muitas modificações de traçado do novo bairro se observa que não restou nenhum dos jardins internos constantes do desenho original do loteamento do “Jardim América”. Muitas das alterações na configuração original do loteamento foram efetivadas pela própria companhia loteadora, detentora dos direitos de fiscalização e parcelamento da área do loteamento até os anos 1940.

Analisando os mapas disponibilizados por Roney Bacelli sobre o “Jardim América”, apreendem-se as transformações ocorridas até 1940, em relação ao desenho original do loteamento no qual se contemplou uma solução que priorizava a integração entre as residências e os jardins internos de miolos de quadra. [BACELLI, 1982]

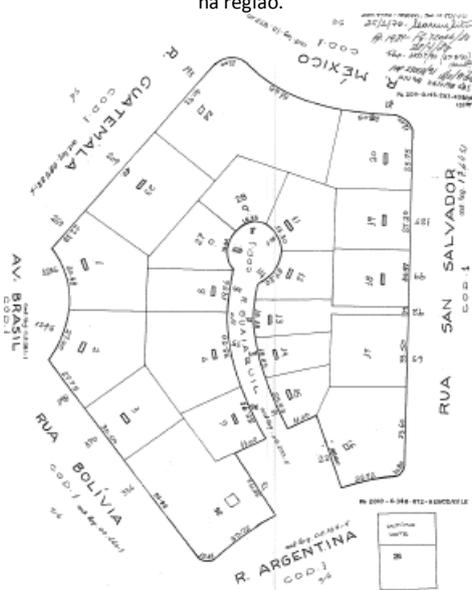
Tais jardins internos se constituíam como uma proposta inovadora e eram apresentados aos possíveis interessados como elemento diferenciador do novo loteamento e como item que conferia qualidade de vida para os novos proprietários. No entanto, ainda de acordo com Bacelli, 1982, os jardins internos deixaram de ser um item essencial e inovador intensamente propagado pelos veículos de divulgação do empreendimento da época (jornais, panfletos, etc.), transformando-se numa disputa judicial pela apropriação da área dos jardins internos, ou seja, os proprietários dos lotes circunvizinhos pretendiam a transformação do espaço de uso semipúblico em área privativa.

As dificuldades de gestão se apresentaram porque as áreas ajardinadas de miolo de quadras demandavam constantes ações de manutenção. Para amenizar o problema, a Companhia City tentou, inicialmente, formas alternativas de administração de tais áreas: ou a divisão das despesas com os proprietários dos lotes limítrofes ou a transmissão de responsabilidade para a prefeitura. Tais tentativas se mostraram infrutíferas e as soluções adotadas pela companhia loteadora resultaram na extinção dos jardins internos adotando-se dois outros modelos:

1. Desmembramento da área em novos lotes com o surgimento das ruas sem saída, nos moldes “cul de sac”.
2. Nova divisão da área com oferta e venda dos lotes remanescentes aos proprietários da quadra.

Da primeira solução, exemplificada na Figura 4, na qual os jardins internos foram transformados em ruas internas, e a consequente partilha da área remanescente em novos lotes, resultaram quatro novos logradouros que deram origem a quatro novas ruas: Ruas Yucatan, Rua Terra Nova, Rua Guayaquil e Rua Porto Rico.

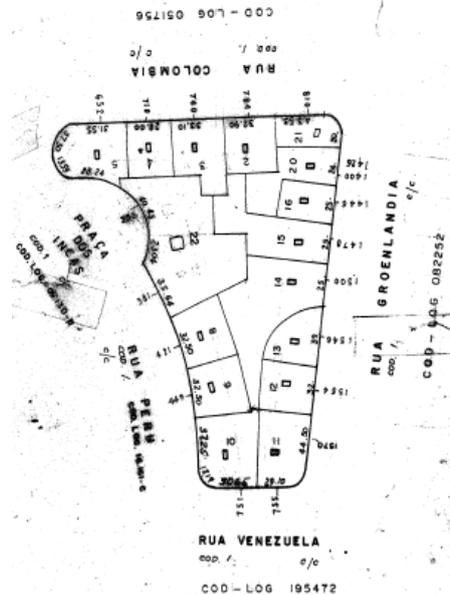
Figura 4: Exemplo de miolo de quadra com novos lotes e criação de rua tipo “cul de sac”, cujos lotes projetados para as ruas internas eram significativamente menores do restante e que foram comercializados já ao final da atuação da Companhia loteadora na região.



Fonte: [SECRETARIA DE FINANÇAS E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: 2014].

A segunda solução, na qual a área foi dividida e vendida para os proprietários de lotes da vizinhança imediata, em função do interesse e do poder aquisitivo de cada proprietário, gerou uma infinidade de novos formatos de lotes, assim como possibilitou a criação de outros muito menores que o usual para o restante do loteamento, conforme se verifica na quadra formada pelas Ruas Venezuela, Rua Colômbia, Rua Peru (vide Figura 5).

Figura 5: Exemplo de quadra do “Jardim América” resultante de redesenho de divisão fundiária, com extinção do jardim interno.



Fonte: [SECRETARIA DE FINANÇAS E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: 2014]

Essas novas orientações e redesenhos da área culminaram com a extinção dos jardins internos originais do loteamento do Jardim América.

Ainda considerando a expectativa de manutenção de características especiais para os lotes planejados de acordo com um desenho urbano que destacava e privilegiava as áreas verdes e os amplos lotes, os novos proprietários estavam sujeitos à imposição de restrições contratuais que, por vezes, chegaram a ser mais restritivas que as estabelecidas pela legislação de zoneamento em vigor à época. Entre as restrições contratuais elencadas pela Companhia City constam, entre outras:

Orientação para que o uso seja exclusivo para residência, não podendo ser comércio ou venda de mercadorias de qualquer natureza, sendo apenas residência unifamiliar [...] sendo que os recuos serão: 8 metros do alinhamento da rua; 8 metros do limite de fundo, e os recuos laterais serão: 4 metros se a casa for térrea, 6 metros se for dois andares e 8 metros se for térreo mais dois andares superiores.⁵

4 O QUE CONSERVAR?

Como destacado anteriormente, a arquitetura implantada no Jardim América não foi preservada. O caminho e razão de sua não inclusão no tombamento do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico/CONDEPHAAT são complexos. Contudo a argumentação do Professor Carlos Alberto Cerqueira Lemos, então Conselheiro do órgão de preservação do Estado de São Paulo nos anos 1980, destacada por Bacelli em seu estudo, possibilita reflexões importantes sobre as valorações vigentes do patrimônio edificado à época da proposição de tombamento:

⁵ Estas informações constam de contrato padrão formulado pela Companhia City e cedido pela Assessoria da empresa e se refere às informações de comercialização do imóvel localizado à Rua Guatemala, no 3 (corresponde ao lote 5 Quadra 25, do mapeamento original do Jardim América). Fonte: [ARQUIVO DA COMPANHIA CITY: sem data]



(...) A área constitui um patrimônio ambiental urbano; sua função residencial é secundária, e mesmo a arquitetura local é irrelevante constituída por uma miscelânea de gostos e soluções arquitetônicas representantes de um estágio cultural [...]. O que se deve conservar a todo custo é o verde, o verdadeiro patrimônio; a escala e a taxa de ocupação dos lotes. (BACELLI, 1982)

Permeando também o parecer de Lemos, 1985, constante no processo de tombamento do órgão de preservação estadual referente aos Bairros Jardins concernente às edificações, destaca-se que:

Ademais não existem nelas virtudes de ordem estéticas ou históricas a justificar um tombamento amplo, como no caso das chamadas “cidades históricas”. Talvez depois de aprimorado levantamento, pudessem ser tombadas meia dúzia de moradias significativas, à guisa de amostragem, q eu pudessem representar certa correntes arquitetônicas ou a atuação de um ou outro arquiteto de renome trabalhando para a burguesia bem posta.

Ainda associada a essa ideia de irrelevância da produção arquitetônica eclética do início do século XX na área do “Jardim América”, a manifestação do jornalista e historiador Pietro Maria Bardi reitera, em texto de 1964, que:

Pode-se observar que quarteirões inteiros da recente arquitetura eclética, fruto do cruzamento entre o pretensioso e a manipulação dos estilos, por exemplo, o famoso Jardim América de São Paulo foram salvos pelo verde que tem a mágica capacidade e chamar a atenção sobre si fazendo passar para segundo plano o espetáculo penoso das fachadas do tipo partenon com colunas ímpares. Uma sebe, um grupo de vegetação, uma mancha de flores têm o poder de dar tom a uma casa. (XAVIER, 1987, p. 371)

Passados quase trinta anos de tal manifestação, nós nos perguntamos se ainda são válidos os argumentos que identificam a arquitetura dos bairros jardins como irrelevante.

O tombamento ambiental é uma realidade e foi de vital importância para a cidade desde os anos 1980, no entanto, a efetivação da legislação de preservação para a área de estudo não impede que novos elementos possam ser identificados e também preservados, agora pautados em outros fatores que se baseiem no valor cultural da produção arquitetônica lá existente.

Então, havendo nos bairros jardins novos elementos culturais passíveis de serem preservados, podemos entender que a investigação do patrimônio arquitetônico produzido na área de estudo, através de um inventário, se transforma numa necessidade visando o reconhecimento dos estilos arquitetônicos recorrentes no Jardim América e vizinhança imediata correlacionando a produção arquitetônica inicial e a sobrevivência dos exemplares edificados de forma a identificar a pré-existência e avaliar a permanência dos estilos no decorrer do período.

Para desenvolvimento da pesquisa foram selecionados quatro projetistas dentre os muitos indicados por Wolff, 2001, sendo eles: Olavo Franco Caiuby, arquiteto citado como “*participante de projetos da primeira centena de casas construídas no Jardim América*”; Alfredo Ernesto Becker, “*participante do 1º Congresso de Habitação*”; Eduardo Kneese de Mello, “*arquiteto formado no curso de Arquitetura ministrado na Escola de Engenharia Mackenzie*” e, por fim, Francisco Beck, que no índice elaborado pela pesquisadora Sílvia Wolff, aparece apenas com quatro projetos, referência que, no entanto, pode se aumentada recuperando informações de outras produções deste profissional junto aos arquivos do Departamento do Patrimônio Histórico, destacando apenas as obras projetadas para a área dos bairros-jardins ora em estudo.

Focando no interesse de identificação de estilos arquitetônicos, já foi possível destacar que, entre os estilos encontrados, foi marcante a presença de construções no estilo neocolonial

(brasileiro e missões), seguida de projetos no estilo normando e já sendo perceptível o aparecimento das experiências preliminares do estilo moderno.

Nas figuras de 6 a 9 é possível visualizar alguns exemplares arquitetônicos localizados no “Jardim América” por meio de documentos que permitem compará-los em dois momentos distintos. As figuras 6 e 7 correspondem a imagens de uma edificação localizada na Avenida Brasil esquina com Avenida Nove de Julho.

Figura 6: Foto de residência neocolonial na Avenida Brasil c/ Avenida Nove de Julho



Fonte: foto do acervo pessoal/julho/2013

Figura 7: A mesma edificação apresentada na figura 6 em imagem de 1928



Fonte: [REALE, 1982]

Nas figuras 8 e 9 estão registradas imagens de edificação construída na Rua Groenlândia observando-se ainda que, na figura 8, é patente a obstrução visual provocada pela massa arbórea existente nos limites do lote. Na figura 9 é possível observar o registro fotográfico da mesma edificação constante na figura 8 nos anos 1930.

Figura 8: Foto de residência neocolonial na Rua Groenlândia



Fonte: foto do acervo pessoal/julho/2013

Figura 9: Imagem da mesma residência neocolonial na Rua Groenlândia em 1930



Fonte: [LE MOS: 1994]

5 CONCLUSÕES

Na cidade como São Paulo já foi identificada uma grande quantidade de bens de interesse de preservação, contabilizados, no momento, em torno de três mil imóveis, constando entre eles vilas, edifícios, residências, obras de arte assim como os bens imateriais, no entanto, não estão contemplados neste escopo possíveis bens de interesse que porventura possam existir nos bairros-jardins, áreas cujo tombamento é reconhecidamente ambiental, ou seja, todos os bairros que receberam a chancela de tombados e que o foram por questões que visavam à preservação dos três itens destacados na resolução de tombamento.

O primeiro reconhecimento do valor ambiental-urbano dos bairros-jardins através do tombamento foi formulado nos anos 1980, com estabelecimento de critérios que permitiriam a manutenção dos elementos tombados, quais sejam o gabarito, a vegetação, os limites dos lotes e os arruamentos, entre outros.

Outro fator importante para a manutenção das características desse ambiente urbano tombado pode ser atribuído às restrições contratuais impostas pelas companhias loteadoras que, conforme apontado por Meirelles, 1993, destacou que:



As restrições de loteamento são de duas ordens: convencionais e legais. Restrições convencionais são as que o loteador estabelece no plano do loteamento, arquiva no registro imobiliário e transcreve nas escrituras de alienação dos lotes como cláusulas urbanísticas a serem observadas por todos em defesa do bairro, inclusive pela Prefeitura que as aprovou.

Todas essas ações garantiram a manutenção parcial do ambiente urbano, no entanto, não garantiram a sobrevivência dos padrões de ocupação, do uso residencial, dos elementos de fechamentos dos lotes nem tampouco do patrimônio edificado.

No momento presente, entre as alterações na legislação municipal consta artigo que permite modificação no padrão de altura dos muros dos lotes de forma que podem atingir quatro metros de altura, elementos estes que estão cerceando a visibilidade do bem ambiental tombado (a vegetação arbórea e demais aspectos ambientais) assim como obstruindo a percepção da arquitetura intramuros.

Por outro lado, nos bairros jardins paulistanos implantados nas primeiras décadas do século XX podem ser encontrados edifícios representativos de vários estilos arquitetônicos e a pesquisa ora em curso pretende o reconhecimento da arquitetura edificada nos “jardins” através da avaliação da produção de alguns arquitetos que ali atuaram e da consulta a razoável material documental em bairros similares nos quais os mesmos atuaram.

Assim, reconhecido o valor ambiental dos bairros jardins, é de fundamental importância a verificação do patrimônio edificado que possa auxiliar na elaboração de políticas públicas que propiciem a preservação do patrimônio cultural edificado nos bairros-jardins, seja por meio de um inventário sistemático utilizado como instrumento de preservação seja com a identificação documental detalhada da arquitetura produzida nos bairros-jardins nos diversos estilos e períodos de produção arquitetônica na capital paulista.

Como resultado da pesquisa em andamento espera-se introduzir as arquiteturas encontradas no escopo da história da arquitetura paulistana através da avaliação dos documentos primários e assim, propiciar a disponibilização de documentação inédita e dispersas e auxiliar no reconhecimento da arquitetura encontrada nas áreas de estudo suscitando dúvidas nos órgãos de preservação quanto à veracidade das afirmações pautadas no entendimento de que a arquitetura implantada nos bairros-jardins não tem relevância.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Aracy (coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; Fondo de Cultura Económica, 1994
- BACELLI, Roney. *Jardim América: História dos Bairros de São Paulo*. São Paulo: Gráfica Municipal, 1982. Volume 20.
- HOWARD, Ebenezer. *Cidades-Jardins de amanhã*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LEMOS, Carlos A.C. *El estilo que nunca existió*. In: AMARAL, Aracy. (coord.). *Arquitetura neocolonial: América Latina, Caribe, Estados Unidos*. São Paulo: Memorial; Fondo de Cultura Económica, 1994, p.147 a 164
- MEIRELLES, Hely Lopes. *Direito Municipal Brasileiro*. São Paulo: Editora Malheiros, 1993.



III ENANPARO

III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva
São Paulo, 2014

REALE, Ebe. Brás, Pinheiro, Jardins: três bairros, três mundos. São Paulo: Pioneira : Editora da Universidade de São Paulo, 1982.

WOLFF, Sílvia Ferreira Santos. Jardim América: O primeiro Bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

XAVIER, Alberto (org.). Depoimento de uma geração: arquitetura moerna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003